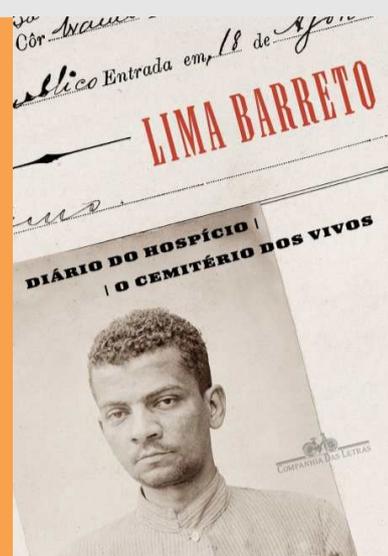


Lima Barreto, tema da 6ª Oficina de Literatura da EMERJ – que está em curso e com todas as aulas disponíveis no YouTube –, foi um genial escritor brasileiro pré-modernista nascido em 13 de maio de 1881 e falecido em 01 de novembro de 1922. Descendente de escravos, sentiu na pele a exclusão social devido à sua origem, inclusive nos meios acadêmicos. O ambiente manicomial não era estranho ao escritor, que na infância e adolescência conviveu com internos por causa do trabalho de seu pai, um tipógrafo que, depois de proclamada a República, se empregou na Colônia de Alienados da Ilha do Governador, onde terminou por ser internado. Lima também teve, ao longo da vida, crises de depressão, o que, somado ao alcoolismo, fez com que se internasse em duas ocasiões, em 1914 e 1919. *Diário do hospício & O cemitério dos vivos* é resultado de sua segunda internação. É o registro de seus dias no Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, e é também a história, inacabada, da experiência no manicômio, contada por meio de Vicente Mascarenhas, o protagonista de *O cemitério dos vivos*.



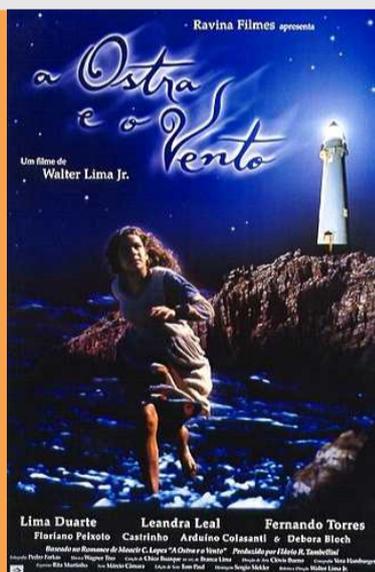
A exposição **Tanto Mar**, com curadoria de Shannon Botelho, reúne 18 artistas mulheres que apresentam trinta obras, entre pinturas, gravuras, fotografias, objetos, vídeos e esculturas, de suas memórias e sensações ligadas ao mar. **Tanto Mar** é fruto de uma provocação que teve origem na leitura coletiva de *O conto da ilha desconhecida*, do escritor português José Saramago. As artistas envolvidas no projeto – Adriana Amaral, Ana Herter, Andrea Antonon, Andréa Brächer, Consuelo Veszaro, Erica lassuda, Flavia Fabbriyani, Liliana Buzolin, Lourdes Colombo, Lucy Copstein, Marcia Rosa, Marilene Nacaratti, Rhyshy Soriani, Sandra Gonçalves, Simone Dutra, Simone Moraes, Tuca Chicalé Galvan e Vitória Kachar – foram reunidas em grupos distintos e, ao longo do ano de 2023, encontraram-se mensalmente para compartilhar os avanços de seus trabalhos e discutir suas inquietações. A pergunta inicial, “Quanto mar há em você? ”, guiou o processo criativo, levando cada uma das participantes a explorar suas próprias memórias e sensações ligadas ao mar.

Centro Cultural Correios. Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro. Ter. a sáb., 12h/19h. Grátis. Até 5 de outubro.



A Ostra e o Vento é um filme brasileiro de 1997, dirigido por Walter Lima Jr., com roteiro adaptado por ele mesmo e Flávio Tambellini, baseado no livro de Moacir C. Lopes. A direção de fotografia é de Pedro Farkas e a trilha sonora é de Wagner Tiso, com a canção-tema de Chico Buarque, que está no álbum *As Cidades*. O filme teve várias indicações e recebeu diversos prêmios, como no Festival de Veneza, em 1997, em que recebeu o prêmio CinemAvvenire e foi indicado ao Leão de Ouro, e no Festival International de Films de Fribourg, em 1998, em que recebeu o Troféu Don Quixote. O drama conta a história de Marcela (Leandra Leal), uma adolescente que vive isolada com seu pai, José (Lima Duarte), em uma ilha distante do litoral, na qual seu pai é o operador e zelador do farol. José sufoca Marcela com um amor possessivo e autoritário, fazendo com que a jovem se revolte contra o pai e desenvolva uma paixão pelo vento que açoita a ilha e que acaba se tornando um dos personagens da história.

Leandra Leal ganhou o prêmio de atriz revelação da Associação Paulista de Críticos de Arte e o de melhor atriz no Festival de Cinema Brasileiro de Miami. Disponível na Netflix.



Você sabia?

Você sabia que o ativista Krenak estreou na literatura infantil? Ailton Alves Lacerda Krenak, mais conhecido como Ailton Krenak, é um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor brasileiro da etnia indígena krenaque e Imortal da Academia Brasileira de Letras. Krenak estreia na literatura infantil com o livro *Kuján e os meninos sabidos*. Em parceria com Rita Carelli, o autor conta sobre o surpreendente reencontro entre o criador e seus filhos humanos. Quando o criador resolve voltar à Terra para ver como suas criaturas estão, ele decide vir na forma de um kuján, um tamanduá. Mas, ao chegar por aqui, o kuján é logo caçado para virar o prato principal em uma festa na aldeia. Ainda bem que Roti e Catí, dois meninos muito sabidos, se dão conta do que está acontecendo e resolvem ajudar. Depois de tanta confusão, o que será que o criador vai achar de suas criaturas? Essa história, já conhecida nas falas de Ailton Krenak, chega agora em formato de livro ilustrado para pequenos e grandes leitores. Com artes encantadoras feitas por Rita Carelli a partir de recortes e colagens, a narrativa nos convida a refletir sobre as atitudes que tomamos enquanto humanidade e sobre o poder das ações das crianças. Indicado para leitores a partir de 4 anos.

